

Camps, G. *Les Berbères. Mémoires et identité*. Collection des Hesperides. Paris: Éditions Errance, 2002 (1980), introdução: *Un monde éclaté*, p.5-12.

Estamos em 1227 a.C., no 5º ano do reino de Mineptah. O Faraó determinou que, em todo o reino, fossem feitas orações e sacrifícios magníficos para os deuses que protegem a Terra de Ptah, para o próprio Ptah e, sobretudo, para Amon-Ra, e para as bondosas deusas Ísis, a grande mágica, e Neftis, a protetora.

Nunca antes o perigo havia sido tão grande contra a Terra amada por Ra. Os bárbaros do norte, aqueles que vêm das ilhas e das terras banhadas pela *Sobre-Verde*, os bárbaros do oeste, aqueles que habitam o deserto onde o sopro maléfico de Tifon se espalha, estes, pela primeira vez, estão unidos em uma coalisão e, sob o comando do maldito de Amon, Meryey, filho de Ded, rei dos *Lebou* (Líbios), penetraram nos domínios de Hórus. Os navios de alguns deles sobem pela margem canópica do Nilo, os outros, tão numerosos quanto os grãos de areia do deserto, se espalham pelo Delta em direção à Mênfis.

Meryey e os seus *Lebou* não são os primeiros berberes a terem sido mencionados pelas fontes textuais históricas. Há séculos, talvez até há milênios, os egípcios travaram relações, tanto guerreiras quanto pacíficas, com seus vizinhos do oeste, estes *Lebou* ou líbios, *Tehenu*, *Temehu*, *Meshwesh*, subdivididos em numerosas tribos. Mas a invasão do Delta, e a vitória que se segue, nos legaram informações mais precisas, nomes de personagens, descrições, tanto em imagens quanto nos hieróglifos, que possuem um valor histórico e etnográfico. Documentos mais antigos já haviam nos mostrado o aspecto físico, os apetrechos, as vestes, as armas dos *Lebou*, muita dessa informação com uma precisão quase fotográfica: até mesmo as tatuagens aparecem.

Os milênios passaram e apesar das vicissitudes de uma história particularmente rica em conquistas, invasões e tentativas de assimilação, populações do mesmo grupo étnico, os berberes, ainda existem em um território imenso, território este que começa a oeste do Egito. Hoje em dia, populações falando uma língua berbere habitam uma dúzia de países africanos, do Mediterrâneo ao sul de Niger, do Atlântico a vizinhança do Nilo.

Mas esta região que cobre 1/4 do noroeste do continente não é apenas composta por falantes do berbere, longe disso! Hoje em dia, nesta área, o árabe é a língua principal, a língua do comércio, da religião, do Estado, com exceção das margens meridionais, do Senegal ao Tchad, onde a língua oficial é o francês. Desse modo, os grupos de fala berbere encontram-se isolados, separados uns dos outros e tendem a se desenvolver de maneiras distintas. Sua dimensão e sua importância variam. Os grupos da Kabília, na Argélia, os Braber e os Chleuh, do Marrocos, representam, cada um deles, centenas de milhares de indivíduos, por vezes, até milhões, enquanto que outros dialetos, nos oásis, não são falados por mais do que algumas dezenas de pessoas. Esta é a razão pela qual os mapas mostrando a extensão da língua berbere pouco significam. O território saariano, coberto pelos dialetos touaregs (*tamahâq*), na Argélia, no Mali e em Niger, é imenso, mas os nômades de língua berbere que o percorrem e os raros agricultores de mesma língua não ultrapassam o número de 250 ou 300 mil. Por pouco são mais numerosos do que os habitantes do Mzab, que ocupam, no Saara setentrional, um território mil vezes menor. O

bloco da Kabília é dez vezes mais povoado que a região das montanhas do Aurés, no sul da Argélia, que mais vasta e onde se fala um dialeto berbere distinto.

De fato, inexiste atualmente uma língua berbere, no sentido de uma língua que seja o reflexo de uma comunidade com consciência de sua unidade, nem um povo berbere, e menos ainda uma raça berbere. Com relação a estes aspectos negativos todos os especialistas estão de acordo.....e no entanto, os berberes existem.

Os grupos e as sociedades de fala berbere, hoje em dia, e nós incluímos nesta denominação as populações bilíngues, nada mais são do que fragmentos de um mundo dividido.

Uma língua berbere comum a todos, muito antiga, que não deve ter existido de fato, mas que existe no espírito dos linguístas, tem que ser entendida enquanto diversas falas berberes, próximas umas das outras, mais próximas do que são, hoje, os dialetos conhecidos. Estas falas berberes antigas foram utilizadas por todo o território que delimitamos, com exceção do Tibesti, domínio da língua *téda* (Toubou).

No Maghreb, os antigos africanos utilizaram um sistema de escrita, o líbico, do qual deriva o alfabeto *tifinagh* dos Touareg; ora, inscrições líbicas e em *tifinagh* antigo foram encontradas, em grande número, nas regiões atualmente completamente arabizadas (Tunísia, nordeste da Argélia, Rharb e região de Tânger no Marrocos, Saara setentrional...). Nos países do norte, esta escrita berbere sofreu a concorrência do púnico, depois do latim; admite-se que ela já tivesse sido esquecida por ocasião da introdução do alfabeto árabe no século VII d.C. Por outro lado, nos países saarianos, onde não sofreu concorrência alguma, a escrita líbica se manteve e evoluiu independentemente. Esta escrita alcançou até as Ilhas Canárias, nas quais as antigas populações guanches falavam um dialeto próximo do berbere.

Podemos, então, admitir que em momentos específicos, os ancestrais dos berberes modernos tiveram à sua disposição um sistema de escrita original que se estendeu, como eles próprios, do Mediterrâneo ao Niger.

Um outro argumento que pode ser apresentado àqueles que negam, apesar de todas as evidências, uma existência ampla do berbere ou que, mais sutilmente, se perguntam acerca do parentesco real entre o berbere e o líbico falado pelos antigos africanos, aparece na toponímia: mesmo em países totalmente arabizados ainda subsiste nomes de locais que ganham significação apenas com o berbere.

Assim, o berbere, anteriormente onipresente, ao longo dos séculos, perdeu terreno frente o árabe, mas esta transformação linguística para o árabe, facilitada pela islamização da África do Norte e do Saara, veio, do século XIX em diante, com uma assimilação árabe sociocultural, que levou a uma verdadeira assimilação da maior parte das populações dos estados maghrebins. Esta assimilação é tão vasta que, alguns estados (Tunísia, Líbia), a quase totalidade da população se autodenomina, isto é acredita ser e, conseqüentemente é, árabe. Mas poucos são, entre eles, aqueles em cujas veias corre sangue árabe, este sangue novo, que chegou com os conquistadores do século VII d.C., ou com os invasores beduínos do século XI d.C.: Beni Hilal, Beni Solaïm e Mâquil, cujas tropas não possuíam mais de 200 mil pessoas, segundo as estimativas mais otimistas.

Mas o maghrebino, mesmo aquele tornado árabe, diferencia-se, sempre, do árabe da Península, do árabe do Levante, assimilados ao árabe anteriormente ao maghrebino. De fato, na sociedade muçulmana norte-africana e saariana, existem maghrebinos de fala árabe ou *arabo-berberes* e maghrebinos de fala berbere que mantêm o nome de berbere que os árabes lhe atribuíram.

Entre os arabo-berberes, que nada mais são do que uma entidade sociológica, como os próprios berberes, podemos diferenciar entre um grupo antigo, citadino, cujas origens se misturam (pois temos que levar em consideração, nas cidades, dos estrangeiros que ali chegaram, antes da invasão do Islã, dos refugiados muçulmanos da Espanha - Andaluzia - e de recém-chegados, normalmente agrupados como *Turcos*, mesmo que estes fossem, na sua maior parte, balcânicos e gregos das ilhas). Existe ainda os grupos sedentários, agricultores. Existe, por fim, nômades, aqueles que, no norte do Saara (Regueibat, Chaamba, Ouled Sleman) são os que mais próximos estão, linguística e culturalmente, das tribos beduínas árabes. Apenas entre estes é que podemos encontrar os verdadeiros descendentes dos Solaïm e dos Mâqil.

Paralelamente a estas populações árabes ou arabizadas, vivem sociedades berberes que são, como as primeiras, muçulmanas, com exceção dos antigos guanches das Ilhas Canárias que foram catequizados pelos espanhóis, e algumas poucas famílias da Kabília, convertidas ao cristianismo no final do século XIX. Estes berberes são ainda mais distintos do que os grupos arabo-berberes. Entre as populações que falam dialetos distintos, mas suficientemente aparentados para serem qualificados, sem hesitação, como berberes, pode-se reconhecer todos os tipos de vida tradicionais das regiões mediterrânicas e sub-tropicais. Agricultores e arboricultores constituem verdadeiros camponeses presos às suas terras, como os montanhese da Kabília ou do Rif, homens do cultivo da oliveira e da figueira, ou os jardineiros dos oásis cuidadosos com suas palmeiras, de seus pessegueiros e árvores de leguminosas, mas há também os cerealistas das áridas montanhas, como os Matmata do sul tunisiano, os Chleuhs do Anti-Atlas marroquino, estes sabem construir terraços sobre as encostas escarpadas de maneira a conservar as terras e a umidade; outras regiões são áreas de arboricultores e criadores de animais, semi-nômades como os Chaouiã da montanha do Aurés, cujo nome, árabe, deriva de seu modo de vida pastoral (Chaouiã quer dizer pastor). Que contraste entre estes rudes homens das montanhas e a sociedade citadina saariana que se especializou em transações transsaarianas e no comércio de pequeno porte no Tell argelino, os Mzabites, cuja especificidade religiosa (ibadismo) explica o isolamento e a especialização econômica! Outros pastores das montanhas praticam uma vasta transumância, como a poderosa confederação dos Aït Atta no e ao redor do Djebel Sarho (sul marroquino) ou os Beni Mguild do Médio Atlas. Grande nômades saarianos, por fim, criam grupos famélicos de camelos e de cabras; tanto para eles quanto para os touaregs, as *razzias* representaram, até o início do século XX, o complemento usual dos poucos recursos arrancados de uma natureza desumana.

O que há de comum entre o criador de camelos, coberto de índigo, tão seco quanto um galho espinhoso de acácia, e o comerciante refinado de especiarias mzabito, entre o jardineiro da Kabília e o pastor berber? Muito mais do que pensamos ou admitimos.

Há, antes de tudo, a língua de origem a qual se ligam todos os diferentes dialetos. A unidade do vocabulário é incontestável; das Ilhas Canárias ao Oásis de Siouah, no Egito, do Mediterrâneo ao Níger. Os princípios fundamentais da língua, a gramática, a fonética,

resistiram de maneira assombrosa a uma separação muito antiga e a uma diferenciação nos modos de vida de seus falantes. Ora, uma unidade linguística fundamental corresponde, necessariamente, a sistemas de pensamento muito próximos, mesmo que o comportamento exterior seja diferente. Este parentesco tão profundo aparece, também, na organização social. No campo artístico, regras comuns, de fato muito simples, que fizeram com que se acreditasse, erroneamente, existir uma “Arte Berbere”, aparece igualmente entre os berberes que falam o árabe como língua principal: trata-se de uma arte rural maghrebina e saariana, muito geométrica, que prefere os motivos retilíneos à curva e ao volume. Independentemente das técnicas, os motivos obedecem às mesmas regras de uma geometria dura e, por vezes, sábia, aparece tanto na cerâmica e nos tecidos, como no couro, na madeira e na pedra. Ora, esta arte tão antiga apresenta, entre os sedentários, uma permanência marcante, liga-se a estas populações ao longo dos séculos e apesar destes, e das conversões religiosas, e das assimilações culturais. Como um rio que, por vezes, corre poderoso, por vezes, corre subterraneamente, está sempre presente no inconsciente maghrebino. Constantemente sufocado pelo triunfo citadino das culturas estrangeiras, ela é capaz de ressurgimentos espantosos, aparentemente anacrônicos, apenas enfraqueça-se a influência externa de formas artísticas mais sábias. Trata-se de uma arte a-histórica.

Mesmo que não exista e que nunca tenha existido uma raça berbere, os antropólogos têm como certo, atualmente, que todas as populações brancas do noroeste da África, tenham elas permanecido falantes do berbere, ou tenham sido elas totalmente arabizadas no constante à língua e aos modos de vida, possuem uma mesma origem: descendem de grupos protomediterrânicos que, vindos do Oriente no 8º milênio, ou mesmo antes, lentamente espalharam-se pelo Maghreb e pelo Saara. Em momento algum de sua longa história, os berberes tiveram consciência de uma unidade étnica ou linguística. De fato, esta unidade berbere só poderia ter sido encontrada na soma das características negativas. Berbere é aquele que não tem origem estrangeira, nem púnica, nem latina, nem vândala, nem bizantina, nem árabe, nem turca, nem européia (francesa, espanhola, italiana). Retiram-se estes diferentes sub-estratos culturais, alguns insignificantes, outros muito poderosos, e reencontraremos os númidas, os getulos, cujos descendentes, com outros nomes, com outras crenças, praticam a mesma *arte de vida*, conservam, na exploração de uma natureza pouco generosa, técnicas com uma permanência assombrosa. Esta permanência possui uma explicação muito simples; agricultores e nômades berberes conheceram a revolução industrial, que nivelou hábitos e técnicas, apenas em uma pequena parte de seu território. Há algumas poucas décadas esta revolução se espalha, alcançando os campos e os desertos mais afastados; no mesmo golpe as particularidades se rompem, e assim, hábitos mais antigos que a própria História desaparecem.

Ao mesmo tempo, como se fosse uma compensação, espetáculos folclóricos são produzidos por grupos desumanizados que os levam aos povos citadinos, como animais ensinados. Como era bela, tocante em sua ingenuidade e seu mal-jeito, a música dos rochedos que o pastor tocava em sua flauta!

Seríamos tentados a afirmar que a História do Norte da África e do Saara é uma história de conquistas e de dominações estrangeiras, que os berberes foram obrigados a aguentar com a maior das paciências. Seu papel histórico seria o da “resistência”, onde a manutenção da língua, dos direitos comuns e das formas arcaicas de organização social seriam os grandes baluartes. Mas a História tem horror a simplificações, principalmente se estas são abusivas e lançam, no passado, concepções políticas atuais.

De fato, poderíamos inverter a premissa e nos perguntar como populações tão maleáveis a culturas estrangeiras, tanto que algumas delas foram se tornando, de pouco em pouco, púnica, romano-africana, árabe, conseguiram igualmente permanecer tão fiéis a seus costumes, sua língua, suas tradições técnicas, ou seja, permanecer elas mesmas. Isto é que é ser berbere.

Condenar o berbere a um papel passivo na História, isto é, praticamente nulo, vendo neles apenas andarilhos infatigáveis e uma excelente cavalaria a serviços dos dominadores estrangeiros, mesmo que admitamos que estes contingentes tenham sido os verdadeiros conquistadores da Espanha no século VIII d.C. e do Egito no século X d.C., é uma aberração não desprovida de racismo. Ele deve ser definitivamente rejeitada.

Estes longos séculos de história não foram feitos unicamente de um período berbere anônimo; aqui como em outros locais, homens e mulheres de fibra deixaram sua marca, mas a História, escrita pelos estrangeiros, nem sempre conservou a lembrança devida.

Este livro se propõe revelar esta época e iluminar os personagens berberes.

\*\*\*\*\*